

BOLIVIANOS EM SÃO PAULO: REDES, TERRITÓRIOS E A PRODUÇÃO DA ALTERIDADE¹²

Fabio Martinez Serrano Pucci

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP
www.pucsp.br

Maura Pardini Bicudo Vêras (Orientadora)

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PUCSP
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP
www.pucsp.br

¹ Esse trabalho é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica (PUCCI, 2011). Atualmente, deu-se continuidade a esse projeto no Mestrado, com financiamento da FAPESP, “processo FAPESP n. 14/21387-3”.

² Trabalho submetido ao Seminário “Migrações Internacionais, Refúgio e Políticas”, a ser realizado no dia 12 de abril de 2016, no Memorial da América Latina, São Paulo.

Bolivianos em São Paulo: redes, territórios e a produção da alteridade

Resumo

Bolivianos em São Paulo: Redes, Territórios e a Produção da Alteridade é um projeto construído a partir da preocupação com as condições de vida dos bolivianos em São Paulo. O principal objetivo da pesquisa é caracterizar o olhar da sociedade receptora sobre estes imigrantes e conhecer as condições de vida e as relações de aproximação e afastamento – em suma, de alteridade na cidade. Baseando-nos em reflexões sobre a cidade, metrópole, imigração, trabalho, sociabilidade e habitação – canalizando para as questões do estranhamento e da alteridade –, concluímos que os bolivianos são vistos como o “outro” pela sociedade receptora.

Palavras chave: Bolivianos; Imigração; Alteridade.

1. Introdução

O tema da Alteridade me despertou o interesse porque o estrangeiro exerce sobre mim uma espécie de fascínio. Vivi isso quando vi um grupo de bolivianos caminhando pelo parque da Luz, em uma noite de características especiais, onde ele estava todo iluminado, com velas acesas por todos os lados, em uma espécie de show *new age*³. Em alguns locais da praça artistas desempenhavam *performances* pirotécnicas que hipnotizavam o público. Gostei de ficar ali sentado vendo aquilo. Naquela ocasião vi um grupo de bolivianos, o que despertou a minha imaginação: da onde viriam? Será que viviam nos “subterrâneos” da cidade e apareciam apenas nestas ocasiões? Depois os associei com alguns seres do filme *Delicatessen*⁴, que surgem dos subterrâneos durante a madrugada para buscar alimentos, principalmente grãos, como milho e arroz. Uma comunidade de humanos vestidos de ratos, muito bem organizados. Lembrei-me de uma lenda urbana que afirma que em algum lugar do túnel da Avenida Nove de Julho que passa embaixo do MASP e da Av. Paulista existe uma passagem para uma parte subterrânea da cidade, que haveria sido construída junto com a linha verde do metrô, mas depois abandonada. Então, minha imaginação me levou a pensar que ali viveriam aqueles bolivianos.

Depois deste dia, passei a me interessar mais pelos bolivianos, e quando houve a Anistia de 2009⁵, prestei voluntariamente – na Praça Kantuta – informações aos imigrantes

³ Neste dia o parque da Luz estava todo iluminado à luz de velas, durante a *Virada Cultural de 2009, no Ano da França no Brasil*.

⁴ *Delicatessen* (1991, França), dirigido por Jean-Pierre Jeunet e Marc Caro.

⁵ A Anistia de 2009 foi uma lei criada pela União para regularizar a situação de imigrantes indocumentados, ingressos no país até 01 de fevereiro de 2009.

sobre os documentos necessários para o pedido, em um mutirão criado pela Defensoria Pública da União. Então, desenvolvi meu projeto de Iniciação Científica (PUCCI, 2011)⁶, em que analisei como são vistos os bolivianos pelos seus vizinhos. O presente artigo traz as principais conclusões da pesquisa desenvolvida como projeto de iniciação científica.

Elaborou-se um *plano de pesquisa de campo*, com o objetivo de criar grupos de entrevistados, a saber: professores e diretores de escolas públicas, comerciantes e comerciários, vizinhos e profissionais que lidam no dia a dia com os bolivianos. E também com o grupo dos próprios imigrantes. Realizou-se cerca de dez entrevistas com cada tipo de entrevistado.

Então, firmaram-se *roteiros de entrevista* com perguntas abertas para cada tipo de entrevistado, procurando abordar o tema da discriminação. Serviu-se do método “snowball”, em que cada entrevistada indica outros em potencial.

Por fim, utilizou-se do método estatístico para analisar em que distritos da cidade de São Paulo estão concentrados os imigrantes bolivianos. Selecionaram-se os bairros do Brás, Bom Retiro e Pari para a realização das entrevistas, pois neles se encontram os principais pontos de sociabilidade, moradia e trabalho dos bolivianos. As entrevistas realizaram-se de setembro de 2010 a maio de 2011.

A obra *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*, de Abdelmalek Sayad, foi a principal referência do trabalho. Este autor trabalha com o paradoxo de ser um imigrante. Adentrando um pouco mais ao tema principal da pesquisa, a alteridade, fundamentou-se em Elias e Scotson (2000), em *Os Estabelecidos e os Outsiders*, que analisa a estigmatização como ferramenta para afastar os indesejados da concorrência pelo poder. Trabalhou-se também com Stuart Hall (2010); Michel Wieviorka (2006) e Grimson (2011) para desenvolver as noções de “identidade cultural”, (in)tolerância, reconhecimento das diferenças e o próprio racismo. Quanto mais um grupo está segregado, mais ele reforça o discurso do racismo. Para trabalhar com “segregação” baseou-se em Marques (2005). Ele a conceitua como *separação e desigualdade de acesso*.

2. Apresentação dos resultados da pesquisa

El Alto (departamento de La Paz) é uma cidade com importante papel na migração interna boliviana. Um terço de sua população não é originária da cidade (XAVIER, 2009) e sofreu um crescimento de 200% na década de 1980 para 1990 (SILVA, 1997). É uma

⁶ Vinculado ao projeto de Vêras (2009): *Alteridade e Segregação em São Paulo: habitações da pobreza e a produção do “OUTRO”. Vínculos e Rupturas*. Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq, período 2010-2014.

cidade com um milhão de habitantes, onde 75% deles são de origem aimará – contra 25% de aimarás entre a população total da Bolívia. Portanto, há uma concentração importante da população da etnia aimará nesta cidade. Além disso, 97% de sua população é urbana.

Segundo Xavier (2009), o maior fluxo de bolivianos para São Paulo provém desta cidade. Primeiro porque ela atrai um grande fluxo de migração interna⁷. Depois, porque esta cidade apresenta uma especialização muito evidente no ramo da costura e produção têxtil (XAVIER, 2009), mesmo setor econômico em que os bolivianos costumam empregar-se em São Paulo.

Em São Paulo, a maior concentração de bolivianos está nos bairros do Belenzinho, Bom Retiro, Brás e Pari⁸. Segundo Silva (2003), se deu na última década um processo de *feminização* do processo imigratório – um efeito cuja causa, para o autor, é a *consolidação* da imigração boliviana em São Paulo. Para o autor, se trata de uma migração econômica e de caráter familiar. Nesta cidade, ainda segundo o autor, empregam-se rapidamente no ramo da costura, pois o seu “grupo étnico” facilita a sua inserção.

A pesquisa foi norteadada por dois eixos: a questão da moradia e da alteridade. Neste ensaio nos deteremos nesta.

Elaborou-se um quadro com as três principais formas pelas quais os brasileiros manifestam – ou não – o seu preconceito em relação aos bolivianos⁹. O uso do tipo ideal não tem a pretensão de esgotar o assunto, mas antes de ser um instrumento para melhor compreender nosso objeto de estudo. Alguns entrevistados se aproximam muito de um tipo ideal em específico. Entretanto, existem outros que se aproximam de mais de um tipo ideal, dependendo do fator que estamos analisando. Assim, esta construção não visa classificar os entrevistados, mas as suas respostas.

O “sujeito fanático”, em geral vê os bolivianos como escravos, colocando-os como vítimas. A seguinte fala exemplifica isto:

⁷ Silva (1997) afirma que há quatro tipos de migração dentro da Bolívia: 1) a migração rural-urbana; 2) a migração rural-rural; 3) a migração *golondrina* (de pessoas que migram em busca de algum recurso e, depois de satisfeitos, retornam ao lugar de onde vieram); 4) migração urbana-urbana: “que se dá entre as cidades de médio porte em direção a uma cidade maior, dentro do próprio país, e daí para outros centros urbanos no exterior, particularmente para Buenos Aires, Miami, Nova York, São Paulo, etc.” (SILVA, 1997, p. 82). A migração do quarto tipo é a que melhor se adequa à cidade de *El Alto*, embora isso não exclua a possibilidade dela atrair os outros três tipos de migrantes.

⁸ Dados do Censo de 2000 (IBGE).

⁹ Baseou-se no artigo de Cárdenas que tem como objetivo “estudar as formas que assume o preconceito para com os imigrantes de origem boliviana” (CÁRDENAS, 2006, n. p.). Este autor define duas formas de preconceito: *sutil e manifesto*. Três sujeitos são definidos por ele: 1) o *sujeito fanático*: são abertamente hostis aos grupos minoritários, manifestam-se de forma agressiva e sem pudores; 2) o *sujeito sutil*: se utiliza da defesa dos valores tradicionais, o exagero das diferenças culturais e a indiferença em relação aos bolivianos como uma estratégia para manter o *status quo*; 3) o *sujeito igualitário*: defende os direitos deste grupo, bem como sua melhoria de vida.

Porcos, muito porcos. Muito... E muito escravo. Eles são muito escravizados. [...] Mas eles são sem cultura. Eles não têm um mínimo de civilização. [...] Pra nós são coitados (Vizinho do Brás, aposentado).

Esta é a maneira pela qual um vizinho “fanático” se refere à questão do trabalho. Primeiro ele desqualifica os bolivianos com o estigma da escravidão, distinguindo entre “nós” – livres e com uma legislação trabalhista, e “eles” – que se submetem a condições de trabalho semelhantes a da escravidão. Além disto, este vizinho acrescenta o estigma da origem indígena, associando isto a uma *ausência de cultura* e a um *estágio anterior de civilização*, como povos primitivos ou bárbaros.

Segundo Wieviorka (2006), existe a prática de um “racismo renovado”¹⁰. No depoimento acima, o vizinho pratica este tipo de racismo, pois reduz a diferença do *Outro* a uma substância que não pode ser assimilada. Portanto, para este vizinho, os bolivianos são fundamentalmente incapazes de integrar-se à sociedade brasileira devido à sua origem indígena e falta de cultura.

Já para Alejandro Grimson (2011), existe uma distinção entre o “racismo clássico” e o “fundamentalismo cultural”. Enquanto o primeiro se pauta pela superioridade da raça, o outro valoriza a diversidade; o racista submete o “outro”, o fundamentalista segrega-o; o racista quer civilizar o “outro”, o fundamentalista deseja preservar a sua diversidade:

En síntesis, el racismo justifica el sometimiento de la alteridad por su supuesta inferioridad, mientras que el fundamentalismo cultural justifica la segregación del otro en función de las diferencias culturales y de su manera de conceptualizarlas. El racismo se elogia a sí mismo como civilizador; el fundamentalismo cultural se autoexalta como preservador de la diversidad, y especialmente de “nuestra pureza” (GRIMSON, 2011, p. 65).

Ainda segundo este autor, a especificidade do fundamentalismo cultural está em sua “coisificação da cultura”, enquanto a xenofobia se constitui como uma atitude inerente à natureza humana. Um dos efeitos mais perversos do fundamentalismo cultural é a segregação do outro. Respeita-se a diversidade do seu grupo, desde que com a finalidade de afastá-lo do convívio e segrega-lo (GRIMSON, 2011).

Segundo a lógica dos fundamentalistas, a cultura do “outro” é imutável, é naturalizada. Não seria possível convertê-los ao que desejamos que sejam. E, posto que o ser humano é xenofóbico por natureza, cria-se uma tensão. Dessa maneira, a única maneira

¹⁰ “Esse racismo renovado diz de seus alvos e de suas vítimas que elas são diferentes culturalmente, irredutivelmente diferentes, fundamentalmente incapazes de integrar-se à sociedade e de partilhar os valores do grupo dominante”. (WIEVIORKA, 2006, p. 143).

de evitar um conflito ou um “choque de civilizações” é manter este grupo afastado, segregado (GRIMSON, 2011).

O “racismo clássico” (GRIMSON, 2011), pelo contrário, vê o outro como assimilável. Dessa maneira, não procura segrega-lo, mas submetê-lo, subalternizá-lo, convertê-lo e assimilá-lo. As diferenças, desse ponto de vista, são marcas que provam a inferioridade de um grupo.

Neste sentido, os “sujeitos sutis” defendem posições que se aproximam mais do “racismo clássico” (GRIMSON, 2011) – pois defendem a permanência dos bolivianos em escolas, no bairro, desde que eles adotem nossos referenciais de cultura, vale dizer: desde que se convertam ao nosso modo de vida. Já os “sujeitos fanáticos” agem como “fundamentalistas culturais” (GRIMSON, 2011), pois adotam o ponto de vista de que os bolivianos são inassimiláveis e, portanto, devem voltar para o seu país de origem.

Por exemplo, no que diz respeito ao posicionamento político, os “sujeitos sutis” são a favor da regularização dos bolivianos no país, desde que paguem impostos e se adaptem a nossa cultura – o que os distancia da posição radical tomada pelos “sujeitos fanáticos” – de que eles devem retornar à Bolívia.

QUADRO 1 – Tipologia das formas de preconceito e os sujeitos correspondentes

<i>Como veem...</i>	<i>“Sujeito fanático”</i>	<i>“Sujeito sutil”</i>	<i>“Sujeito igualitário”</i>
<i>O Trabalho dos bolivianos?</i>	Em geral, afirmam que são todos escravos. Não os qualificam como trabalhadores.	São trabalhadores, porém escravos. Qualificam-nos como “coitados”, mas dão ênfase à sua garra.	Defendem as suas preferências. Não os veem como vítimas, dando ênfase à sua autonomia.
<i>A Cultura e os hábitos dos bolivianos?</i>	Os qualificam como “porcos”. Utilizam sua origem indígena para afirmar que são menos civilizados.	Fazem menção ao fenótipo dos bolivianos e aos seus hábitos de higiene de forma negativa, porém de maneira mais sutil.	Aceitam as diferenças culturais. Procuram conscientizá-los sobre os hábitos e costumes mal vistos pelos brasileiros.
<i>As festas e feiras?</i>	Eles estariam trazendo a criminalidade para o bairro. Fazem muita sujeira, bebem demais e até tarde.	Fazem menção aos roubos de que os bolivianos são vítimas quando ficam bêbados nas festas, e reclamam do seu barulho e falta de modos.	Enriquecem a cultura da cidade. São vistas como festas bonitas, animadas e autênticas. Fazem pouca menção à bebida, ao barulho, à sujeira e aos roubos.
<i>Como se posicionam...</i>	<i>“Manifestos”</i>	<i>“Moderados”</i>	<i>“Igualitários”</i>
<i>Diante da convivência com os bolivianos?</i>	Não fazem nenhum esforço para tornar esta convivência mais suportável, criando atritos desnecessários e manifestando abertamente o seu preconceito e ódio contra os imigrantes.	Convivem com eles pacificamente, desde que se adaptem ao nosso modo de vida. Evitam criar atritos desnecessários, porém não costumam andar na companhia de bolivianos.	Mantém uma relação mais próxima com eles. Frequentam as suas festas. São mais solidários e procuram criar um diálogo, negociando a sua diferença com o Outro.
<i>Frente à política migratória do país?</i>	São a favor do fechamento das fronteiras e defendem a extradição dos que já estão aqui. Acham que o governo deveria privilegiar o acesso de brasileiros aos serviços públicos.	Em geral, são a favor da regularização dos bolivianos no país e defendem apenas um maior controle na entrada de novos imigrantes. A favor da criação de impostos para os imigrantes.	Abertura das fronteiras, regularização dos indocumentados, maior acesso às políticas públicas, voto, autonomia, informação e cidadania. A favor de uma legislação menos punitiva.
<i>Em relação à concorrência por trabalho?</i>	Veem a concorrência com eles como desleal, porque aceitam péssimas condições de trabalho.	A maioria não acredita que os bolivianos estejam ocupando os empregos dos brasileiros.	Não estão ocupando o trabalho dos brasileiros, porque estes não se interessam por um trabalho precário.
<i>Exemplos das categorias de entrevistados que mais se enquadram em cada tipo</i>	Vizinhos e alguns comerciantes.	Comerciantes, comerciários, alguns vizinhos, professores e diretores das escolas, além de alguns visitantes das feiras.	Padres, professores e diretores, visitantes das feiras, profissionais que trabalham com eles, e pouquíssimos vizinhos.

Fonte: Elaboração própria.

A única coisa que eu vejo é que... agente vê nas reportagens e as próprias pessoas que sabem. Aqui do Brás, do Bom Retiro. Esses coitados sofrem, uns escravos (Comerciante do Brás).

Neste depoimento ainda percebe-se a *vitimização* dos bolivianos pela sua condição de escravo. Mas, diferentemente do vizinho “fanático”, esta comerciante não se serve deste estigma para menosprezá-los. É interessante notar como ela legitima a escravidão dos bolivianos referindo-se às reportagens veiculadas nos meios de comunicação, como se o que transmitissem fosse uma verdade incontestável. Ela poderia ser vista como “sujeito igualitário” em alguns aspectos, pois parece querer ajudar os bolivianos. Porém, há uma diferença fundamental entre a maneira pela qual ela vê os bolivianos da dos “sujeitos igualitários” – o que a torna um “sujeito sutil”.

[...] quando a imprensa fala que o trabalho escravo, não sei o que, dá impressão que o patrão é um carrasco, um explorador, um senhor de escravos e o coitadinho do boliviano é a vítima [...]. Mas enfim, os trabalhadores são coniventes. E eles também tem as formas de burlar, quando eles não querem mais, eles vão embora ou rompem o contrato. Vão buscar outro patrão, etc. Quer dizer, não é uma submissão total (Sidney Antonio da Silva, antropólogo)¹¹.

Silva percorre um caminho distinto dos outros dois tipos ideais. Ele está preocupado em desmistificar a relação do boliviano com o seu patrão: o primeiro sempre visto como um coitadinho e o último um explorador. Ele respeita a autonomia dos bolivianos, ou o seu direito de ter preferências (BAUMAN, 1999). Segundo este autor, “só posso respeitar a minha própria diferença respeitando a diferença do outro” (BAUMAN, 1999, p. 249). Esta diferença é fundamental, pois torna os bolivianos sujeitos de sua própria história, rompendo com a *vitimização* presente na mídia e nos interlocutores acima mencionados. Portanto, ele é um “sujeito igualitário”.

De uma maneira semelhante, Grimson (2011) critica aqueles que se dizem os porta-vozes dos subalternos, indicando que devemos dar os meios para que expressem a sua própria voz. Geralmente o grupo dos igualitários é o que deseja bem aos bolivianos. Mas de que maneira eles compreendem a alteridade? A partir de seus próprios valores ou entendendo que os bolivianos têm autonomia para decidir o próprio rumo?

Já se distinguiu como cada tipo de sujeito vê a questão da escravidão. Nesta etapa objetiva-se analisar as diferenças destes grupos na maneira pela qual se referem à origem dos bolivianos. O discurso dos “sujeitos igualitários” é o mais fácil de caracterizar, pois não

¹¹ Entrevista concedida por Sidney Antonio da Silva ao autor, em dezembro de 2010, na Pastoral dos Migrantes, em São Paulo.

procura reduzir a multiplicidade de outros à unidade do mesmo. Eles não veem o outro como um obstáculo para a realização do Eu, mas antes como uma possibilidade de projetar este Eu para um fim que o transcende, o Outro. Entretanto, os “sujeitos sutis” e os “sujeitos fanáticos” se confundem mais. Objetiva-se, portanto, analisar as suas principais diferenças.

Para começar, ambos compartilham um ponto: almejam reduzir a multiplicidade dos outros à unidade do mesmo. Porém, o que os distingue é a estratégia de que se utilizam para obter este mesmo fim. Os “fanáticos” acreditam que podem alcançar este objetivo criando atritos com o grupo dos bolivianos, por isso são os mais agressivos entre os três tipos. Utilizam-se da força para reduzir as diferenças do outro ao máximo. Isto acaba gerando alguns atritos desnecessários como o exemplo que se segue:

Eu não sei se vocês sabem que aqui tem uma feirinha de boliviano no sábado. Essa feira é muito boa até as oito horas da noite. Porque é família... Depois só fica boliviano pinguço e nóia. Aí, se chama a polícia... Eu já não chamo mais. Porque eu to manjado disso, diz que eu sou xerife da rua, aí prometeu me matar (Vizinho, Brás).

Este vizinho é radical em sua pregação contra o grupo de bolivianos. Ele é o “manifesto” por excelência, pois não esconde o seu desagrado com este grupo de imigrantes, chegando a afirmar que “de cada dez bolivianos, onze são ruins”. Não que ele seja mais ou menos racista que os “sujeitos sutis”, mas ele não procura dissimular esta prática. Ele defende políticas governamentais mais punitivas, como a deportação de todos os imigrantes bolivianos e a total proibição de entrada pelas fronteiras.

Para Grimson (2011), quando uma pessoa interage com outra pertencente a uma “configuração cultural”¹² distinta, produz-se um contato pleno. No entanto, podem existir obstáculos para este contato, como o desconhecimento da língua ou das tramas simbólicas deste “outro”. Dessa maneira, este contato se traduz em uma compreensão nula. Esta situação, segundo o autor, é geradora de uma incerteza.

Por outro lado, como nos recorda Todorov (*apud* GRIMSON, 2011), nem sempre o desconhecimento está relacionado a atitudes hostis com o outro. Bartolomé de Las Casas pretendia salvar os índios com os quais interagira. No entanto, o seu conhecimento a respeito destes era menos desenvolvido que o de Hernán Cortés, responsável por muitas atrocidades contra a civilização azteca, culminando na ruína deste povo. Portanto, enquanto se pode relacionar desconhecimento com incerteza e hostilidade, o inverso não é

¹² Segundo Grimson (2011, p. 28), “una configuración cultural es un espacio en el cual hay tramas simbólicas compartidas, hay horizontes de posibilidad, hay desigualdades de poder, hay historicidad”.

necessariamente uma verdade. O conhecimento pode – como foi constatado historicamente – estar relacionado com a destruição do “outro”.

Analisa-se, a seguir, alguns elementos da estereotipia presentes nos depoimentos dos entrevistados.

*Eles ainda estão com aquelas **origens das tribos indígenas** que eles são. Os maias, né, origem dos maias. Das tribos, né. E tem aqueles **costumes** deles. Então você se sente um pouco **deslocado** por ser brasileiro e ver as pessoas diferentes. (...) E povo de cultura indígena não tem o mesmo tipo de **formação – acadêmica** – do que nós (...). Então os caras já vêm lá das **montanhas**, das **tribos** deles, (...) porque lá eles estão **miseráveis** (Vizinho, Pari).*

Ele manifesta o seu incômodo diante da diferença, um sentimento de deslocamento. A sua estratégia para se livrar deste incômodo não é tanto o uso da *força*, mas antes a adoção de uma prática *sutil* de preconceito. Está claro aqui como este vizinho “estereotipa” (HALL, 2010) os bolivianos. Segundo Stuart Hall, estereotipar significa “reducir a unos pocos rasgos esenciales y fijos em la Naturaleza.” (HALL, 2010, p. 429). Ainda para este autor, ela funciona de três maneiras:

1) **Naturalização**: “la estereotipación reduce, esencializa, naturaliza y fija la diferencia” (HALL, 2010, p. 430). Se as diferenças entre os bolivianos e os brasileiros são vistas como “culturais”, então há possibilidade de mudanças e transformações. Entretanto, se são “naturais” – como se percebe neste depoimento – não há espaço para mudança. “La ‘naturalización’ es por consiguiente, una estrategia representacional diseñada para *fixar* la ‘diferencia’ y así *asegurarla para siempre*” (HALL, 2010, p. 428).

2) **Cerrar fileiras**: “otro rasgo de la estereotipación es su práctica de ‘cerradura’ y exclusión. Simbólicamente fija límites y excluye todo lo que no pertenece” (HALL, 2010, p. 230). Segundo Hall, ela funciona como uma maneira de manter a ordem social e simbólica. Estabelece uma fronteira entre nós que somos normais e os “outros” desviantes. “Facilita la ‘unión’ o el enlace de todos nosotros que somos ‘normales’ en una ‘comunidad imaginada’ y envía hacia un exilio simbólico a todos ellos – los ‘Otros’ – que son de alguna forma diferentes, ‘fuera de límites’” (HALL, 2010, p. 230).

3) **Poder hegemônico e discursivo**: “la estereotipación tende a ocurrir donde existen grandes desigualdades de poder” (HALL, 2010, p. 230). Neste ponto, o autor atenta para a dimensão em que a estereotipação se insere como uma estratégia do grupo para manter a sua hegemonia, entendida como “una forma de poder basada en el liderazgo por un grupo en muchos campos de actividad al mismo tiempo, por lo que su ascendencia

demanda un consentimiento amplio y que parezca natural y inevitable” (HALL, 2010, p. 231).

No depoimento do vizinho acima mencionado percebem-se estes três elementos da “estereotipia”. Primeiro ele menciona “**Eles** ainda estão com aquelas origens das tribos indígenas que **eles** são. Os maias, né, origem dos maias. Das tribos, né. E tem aqueles costumes **deles**”. Ou seja, ele demonstra um total *desconhecimento* dos bolivianos, que estariam muito mais próximos do que foi a civilização inca, do que a dos maias. Além disso, ele *naturaliza* a diferença dos bolivianos, relacionando a sua pobreza material com a sua origem cultural andina: “**Então os caras já vêm lá das montanhas, das tribos deles, [...] porque lá eles estão miseráveis**”.

Então, este vizinho cerra fileiras, diferenciando eles de nós, hierarquizando, a partir da suposta ausência de educação dos “outros”: “*Então você se sente um pouco deslocado por ser brasileiro e ver as pessoas diferentes. [...] E povo de cultura indígena não tem o mesmo tipo de formação – acadêmica – do que nós*”. Percebe-se um etnocentrismo, ele analisa o “outro” a partir dos seus próprios referentes culturais. “Eles” não têm a mesma formação do que nós. São diferentes, desviantes, não pertencem ao nosso grupo, à nossa “comunidade imaginada”, por isto devem ser enviados para o exílio – é a forma pela qual a estereotipia cerra fileiras ao grupo de residentes em São Paulo.

Por fim - e não menos importante do que estes elementos - a *fantasia*:

El punto importante es que los estereotipos se refieren tanto a lo que se imagina en la fantasía como a lo que se percibe como “real”. Y lo que se produce visualmente, por medio de las prácticas de representación, es sólo la mitad de la historia. La otra mitad – el significado más profundo – reside en *lo que no se dice, pero está siendo fantaseado, lo que se infiere pero no se puede mostrar* (HALL, 2010, p. 435).

Percebem-se muitos elementos de fantasia na fala do entrevistado. Ele imagina que os bolivianos vêm das tribos dos maias que vivem nas montanhas, recebendo uma formação cultural primitiva que os tornaria miseráveis em uma sociedade desenvolvida como a nossa. Percebe-se, então, até que ponto a fantasia influi na maneira pelo qual representamos o “outro”: algo que vai muito além do que pode ser dito ou representado, constituindo um imaginário a respeito dos bolivianos.

3. Considerações Finais

Os vizinhos formam o grupo com o maior número de “sujeitos fanáticos”, em geral homens adultos. Entre as vizinhas e os mais jovens costuma-se encontrar mais “sujeitos sutis”, ou até mesmo “sujeitos igualitários”. Este fato se deve, em parte, pela proximidade com o grupo de bolivianos, obrigando os vizinhos a desenvolverem alguma estratégia de convivência, pois mantêm contato constante com pessoas pertencentes a uma alteridade cultural. O desconhecimento destes outros, é potencial gerador de incerteza.

Dessa maneira, os vizinhos escolheram o recurso da *estigmatização*. Para entender melhor este processo, consideremos a relação bolivianos-brasileiros por meio da figuração *estabelecidos-outsiders*¹³. Segundo a pesquisa de Elias e Scotson (2000), “a exclusão e a estigmatização dos outsiders pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22).

Como vimos, a *estigmatização* é levada a efeito a partir da “estereotipia” (HALL, 2010), que reduz a diferença dos outros a certos elementos fixos. Assim naturaliza-se esta diferença e cerram-se fileiras aos “outros” desviantes. Assim como afirma Elias, este recurso é uma forma de manter a “hegemonia” do grupo dos “estabelecidos”. Enfim, analisamos os efeitos que a estereotipia tem sobre o inconsciente dos entrevistados, por meio de suas fantasias.

As informações coletadas demonstram que a estigmatização dos bolivianos nos bairros do Brás e do Pari revelam uma necessidade dos vizinhos de se afirmarem diante dos imigrantes bolivianos. O mesmo não ocorre com os demais grupos – com exceção de uma costureira e uma comerciante que se viram prejudicadas em suas atividades econômicas por causa da presença dos imigrantes. Portanto, na atual conjuntura, a proximidade física explica mais o preconceito aos imigrantes do que os fatores concorrenciais – por emprego, por exemplo.

Além disso, constata-se que os bolivianos incorporam um sentimento de inferioridade, pois reproduzem individualmente o discurso do grupo dominante. Dessa

¹³ Os estabelecidos formam um grupo que se vê e é visto como a “boa sociedade”. Ou seja, que reivindica a si serem melhores homens do que os outsiders. Este grupo partilha de uma tradição em comum e possui muita influência. Já o grupo dos outsiders é formado por pessoas que são estigmatizadas por pertencerem a este grupo. É um grupo que não tem uma memória e uma tradição em comum, o que os torna bastante desintegrados. Eles são considerados pelos estabelecidos como marginais, sujos e principalmente desordeiros. Ambos os grupos formam identidades sociais distintas e complementares. Os estabelecidos só formam a “boa sociedade” porque os outsiders compram essa ideia e veem a si próprios como humanamente inferiores. (ELIAS; SCOTSON, 2000).

forma, constatou-se até que ponto é eficiente o recurso da “estigmatização” (ELIAS, 2000) e da “estereotípiã” (HALL, 2010) como parte de uma estratégia para manter a “hegemonia” (GRAMSCI *apud* HALL, 2010).

É um caso de um boliviano que afirma que “os brasileiros deram uma mão e os bolivianos pegaram a mão inteira”. Para Elias (2000), os indivíduos do grupo estabelecido podem fazer com que os indivíduos *outsiders* se sintam humanamente inferiores¹⁴. Portanto, é preciso estudar como se dá este processo.

Segundo Baeninger e Simai (2011), os grupos estigmatizados internalizam o preconceito contra si mesmos e adotam o posicionamento do grupo dominante. Ainda segundo as autoras, de um ponto de vista psicológico, este fenômeno seria um caso de “auto-ódio”. A sua hipótese é a de que os imigrantes “podem sofrer de complexo de inferioridade tanto individual como coletivo” (BAENINGER; SIMAI, 2011, p. 18). Portanto, “quanto mais poderoso o grupo a que se pertença, maior será o favoritismo intragrupo, ao passo que aqueles que pertencem aos grupos de menor poder demonstram mais tendências ao favoritismo fora do grupo” (BAENINGER; SIMAI, 2011, p. 18).

Em nossa análise empírica verificou-se alguns casos referentes a este “auto-ódio”, exemplificado no seguinte depoimento de um boliviano da “geração 1.5”¹⁵:

Eu entendo eles [os brasileiros], em certa parte. Algumas vezes, como eu disse. Os bolivianos são bem mal vistos. Eles bebem, enchem a cara e ficam ali... às vezes até se comportam como mendigo. Fazem suas necessidades na rua. Ficam jogados. Perto da Coimbra existe um exemplo pelo menos. É uma rua bem suja. Eu sendo boliviano, eu não gosto de ir lá. Mas o pessoal que vem pra cá, a maioria, até um ano atrás mais ou menos, era maioria tudo do interior da Bolívia. Então, o pessoal não respeita mesmo. E, em certa parte eu entendo que sejam preconceituosos. Mas eu também acho uma ignorância porque não me conhecem pra me desrespeitar. Eu passo na rua e me chamam de boliviano. Eu não gosto de ser chamado de boliviano. Eu tenho meu nome (Boliviano, estudante universitário, professor de informática e dono de uma oficina de costura).

Este depoimento confirma o que Baeninger e Simai (2011) afirmam acima. Ele incorpora o estigma contra si mesmo e adota a posição dos brasileiros. Além disso, manifesta um “ódio de si”.

Estas e outras questões dizem respeito à relação entre brasileiros e bolivianos. É um tema recente e ainda pouco estudado. Há pesquisas que seguem esta linha a partir da visão dos brasileiros sobre a presença de bolivianos nos bairros centrais (PUCCI, 2011; VIDAL,

¹⁴ Segundo Elias (2000), isto ocorre pela desigualdade existente na relação de poder entre os dois grupos.

¹⁵ Para Baeninger e Oliveira (2012), a “geração 1.5” constitui-se de imigrantes que chegaram ao país com menos de 13 anos de idade.

2012). Até certo ponto, as conclusões de uma não correspondem ao da outra quando confrontadas¹⁶. Ainda assim, chegam a muitos resultados em comum, como os estigmas pelos quais são referidos os imigrantes nestes bairros. Portanto, é um assunto recente e que deve ser aprofundado e defrontado com o problema de como os bolivianos veem a si mesmos.

Referências

BAENINGER, R.; SIMAI, S. Práticas discursivas da negação do racismo em São Paulo. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 35., 2011, Caxambu. **Anais...** São Paulo, SP: ANPOCS, 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Tradução de: Marcus Penchel. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1999.

CARDENAS, C. M. «Y VERÁS COMO QUIEREN EN CHILE...»: Un estudio sobre el prejuicio hacia los inmigrantes bolivianos por parte de los jóvenes chilenos. **Última Década**, Santiago, Chile, v. 14, n. 24, 2006. Disponible en: <file:///C:/Users/ADRIANA/Downloads/%C2%ABY%20veras%20como%20quieren%20en%20Chile...%C2%BB%20Un%20estudio%20sobre%20el%20prejuicio%20hacia%20los%20inmigrantes%20bolivianos%20p.pdf>. Accedido en: 27 mar. 2011.

ELIAS, N.; SCOTSON, L. **Establecidos e outsiders**. São Paulo, SP: Jorge Zahar, 2000.

GRIMSON, A. **Los límites de la cultura**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

HALL, S. El espectáculo del otro. In: RESTREPO, E.; WALSH, C.; VICH, V. (Ed.). **Stuart Hall sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales**. Bogotá: Enviñon Editores, 2010. p. 419-446.

_____; SOVIK, L. (Org.). **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de: Adelaine la Guardia Resende et al. Belo Horizonte, MG: UFMG; Brasília, DF: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MARQUES, E. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: _____; TORRES, H. (Org.). **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais**. São Paulo, SP: Editora Senac São Paulo, 2005.

PUCCI, F. M. S. **A inserção dos bolivianos nos bairros do Bom Retiro, Brás e Pari e a produção da alteridade: como são vistos pela vizinhança**. São Paulo, SP: CNPq, 2011. (Relatório Científico).

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SILVA, S. A. **Virgem/Mãe/Terra: festas e tradições bolivianas na Metrópole**. São Paulo, SP: Hucitec/Fapesp, 2003.

¹⁶ Em nossa iniciação científica (PUCCI, 2011) escutou-se muitos depoimentos manifestando hostilidade em relação aos bolivianos, enquanto Vidal (2012, p. 94) afirma que eles provocam “poucas reações de hostilidade”. Outra conclusão a que este autor chega é a de que os bolivianos não criam estratégias de invisibilidade e não se escondem, o que também não condiz com algumas situações encontradas em nossa pesquisa.

_____. **Costurando sonhos:** trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo, SP: Paulinas, 1997.

VÉRAS, M. P. B. **Alteridade e segregação em São Paulo:** habitações da pobreza e a produção do “OUTRO”. Vínculos e rupturas. Brasília, DF: CNPq, 2009. (Projeto de Pesquisa aprovado pelo CNPq, período 2010-2014).

VIDAL, D. Convivência, alteridade e identificações: brasileiros e bolivianos nos bairros centrais de São Paulo. In: BAENINGER, R. (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil.** Campinas, SP: Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

WIEVIORKA, M. **Em que mundo viveremos?** Tradução de: Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo, SP: Perspectiva, 2006.

XAVIER, I. R. A cidade de *El Alto* e os fluxos de bolivianos para São Paulo. **Travessia,** São Paulo, SP, v. 22, n. 63, 2009.